

OBARNOLOS

por Clara Lua

CLARA LUA nasceu em São Paulo, mas passou a infância e a adolescência em São Bernardo do Campo. É formada em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto e mestranda em Estudos Literários pela mesma

instituição. Publicou o conto *Ensaio sobre a Insanidade* na coletânea *As coisas que as mulheres escrevem*, organizada pela Editora Desdêmona em 2019, e participou do Prêmio Off FLIP 2021 na categoria conto.

Todas as vezes que sentia espasmos involuntários brotarem de seu diafragma, Obarnolos se enjoava. Sua natureza, que o tempo revelaria quase inumana e bochornal, dificilmente dava sinais emotivos, exceto quando, do interior de seu corpo, surgiam os tiques que eram popularmente conhecidos como soluços. Era uma das poucas situações que conseguiam despertar nas linhas do rosto de Obarnolos algum tipo de angústia ou ansiedade. Era quando sua memória lhe traía, trazendo à tona a lembrança de algo quase próximo a uma existência de verdade, primeiro porque remetia ao passado, segundo porque aticava um futuro.

Não tinha passado dos quinze quando experimentou a sensação pela primeira vez. Sentiu um aperto entre os dentes, como se algo muito fundo tentasse romper aquelas paredes de cálcio brancas que lhe muralhavam a boca. À altura da barriga, sentia um peso capaz de lhe pôr sentado por horas e horas sem que fosse possível levar. E sentia-se enjoado, com um odor estranho lhe embrulhando as entranhas. Não teve alívio nem mesmo diante da mãe, que depois de acalmar os ânimos do rapaz dizendo que se tratava de algo tão comum quanto comer e dormir, recorreu a todas as técnicas, manhas e artimanhas conhecidas para cessar os soluços.

Nada surtiu efeito. Em meia hora do que já se considerava uma crise, o garoto tinha a língua colada ao céu da boca de maneira tão firme, que alguém que não o conhecesse desde o berço poderia jurar que Obarnolos tinha nascido assim. O desenho grave da situação fez com que sua mãe o levasse até a casa de Dona Nena, uma velha de quem pouco se sabia, mas em que muito se confiava para os assuntos do corpo, as doenças desconhecidas e as banalidades incontornáveis

da vida. Viviam em uma cidade pequena, na qual as ruas se encarregaram de escutar os cochichos de dentro das casas e levá-los aos berros para todos os lugares. Muita gente, movida pela curiosidade irreversível ao absurdo, juntou-se à porta da casa de Dona Nena à espera de saber que fim tomaria aquela situação.

Lá dentro, a velha tomava nota do caso com certo assombro, não pela gravidade ou ainda, para aqueles que acreditavam nisso, pelo aspecto fantástico que aparentava. Espantava-se pois de todas as maluquices e acontecimentos insólitos que presenciara em sua vida, aquele era o único que fedia, como se já tivesse nascido podre. Não sabia bem se começava pelo soluço, que já punha Obarnolos em tons escarlates, ou pela língua colada, que o impedia de falar qualquer coisa compreensível, e ninguém nunca soube exatamente o que foi feito por ela para dar fim a situação. Fato é, que passados alguns minutos de um silêncio colossal, saiu de dentro da casa da velha, arrebetando as janelas fechadas a chave, o som inconfundível e grotesco de um arrote.

Fez-se silêncio novamente e uma expectativa quase mórbida corroe cada segundo de espera, até que a porta se abriu e por ela passaram a mãe, o garoto e um fedor capaz de por trinta cabeças de gado no chão. A nuvem de fedida atingiu em cheio as narinas curiosas que se aglomeravam do lado de fora e rapidamente todas saíram correndo em qualquer direção que levasse para longe daquilo. Talvez pelo choque, talvez pela necessidade de se firmar, Obarnolos insistiu em abrir a boca na tentativa de conferir se lhe restará língua e sons. Disse alto: “estou bem”. As palavras entretanto, pareciam

meio embaralhadas, como se de repente não pudesse mais dispor as letras em ordem coerente. Franziu a testa e, como se lançasse uma maldição, virou o rosto na direção da casa, “velha maldita”.

Jamais recuperou a ordem da fala e há quem diga que sua cabeça sofreu consequências com o acontecimento daquela tarde, como se tivesse perdido o trem na linha do raciocínio. Isso é, se um dia realmente esteve no controle de algumas dessas coisas... Estar em sua presença chegava a ser tão desconfortável quanto uma dor de barriga aguda, além é claro, do fato de que seu corpo, desde o acontecimento dos soluços, estava sempre rodeado por pequenos mosquitos que tornavam muito difícil a tarefa de ficar ao seu lado por muito tempo.

O único lugar onde era sempre bem vindo, sem que os bichos e as falas atrapalhadas representassem algum problema, era junto à cabeças de gado que viviam passeando pela cidade. E o que talvez tenha começado com um ou dois bois desses circulantes, foi aos poucos ganhando a cara de um rebanho. Uma legião de cabeças, todas encurraladas em um cercado mínimo, que Obarnolos enchia cada vez mais, sem se importar com o fato de que a quantidade ia, aos poucos, excedendo a capacidade. Assim, deu início a algo que ninguém se lembrava de ter visto em outros tempos. Mais do que um criador, tornou-se um adestrador de gado, tal como aqueles que adestram cachorros. Mas, o que Obarnolos fazia com os bois era mais do que ensinar truques inúteis, seu trabalho era dar a eles a capacidade de sustentar ideias já falidas e o dom de reproduzir palavras, ainda que quase nunca fosse possível entender claramente o que

tentavam dizer, já que som saía grotesco, misturado aos mugidos naturais da espécie.

Ganhou fama, ficou conhecido, pessoas viajavam distâncias inimagináveis para ver aquela figura quase impensada, aquele mito que às vezes parecia muito frágil. Eram quantidades absurdas até mesmo para o costume daquela gente, para quem o espanto havia se tornado algo corriqueiro que se come durante o café da manhã. Obarnolos demonstrava uma simpatia e carisma que nitidamente não existiam na superfície natural da sua existência. Um olhar mais atento facilmente detectaria o teor duvidoso de suas piadas e o tom amarelo de seu sorriso sempre que precisava lidar com assuntos que não estivessem vinculados a brutalidade de sua natureza hostil e putrefata. Mas, no geral, para deleite ou surpresa, todas as atenções se voltavam para o fato de que alguém tinha conseguido adestrar os bois. Podia não ser um trabalho perfeito, mas sem sombra de dúvidas era um trabalho perigosamente eficaz.

As pessoas se entretinham vendo Obarnolos pregar aos bois, e isso era muito mais importante do que prestar atenção no que ele estava falando de fato. Rapidamente, as frases desconexas, ditas inúmeras vezes aos animais, ganharam um sentido na cabeça de seus ouvintes bípedes e, a essa altura, já não se podia mais conter as massas que seguiam Obarnolos; os bois e seus donos, os curiosos e admiradores, pareciam todos seduzidos. Esses últimos, bem mais, pareciam hipnotizados ao ponto de não se incomodarem mais com as moscas e com o fedor crescente que saía da boca daquele homem, e dos excrementos dos bichos que já vazavam pelo cercado.

Assim permaneceram por quatro anos ininterruptos. Dormiam e acordavam na rua, à frente da casa de Obarnolos e nas adjacências. Quarteirões e quarteirões tomados de gente, de bois e daqueles seres nascidos do contato tão próximo do suor de ambas as espécies. Seguiam o homem com os olhos onde quer que fossem, e davam salvas todas as vezes que ele repetia as mesmas frases vazias de vibração, as mesmas bestialidades sombrias enfeitiçadas pelo ódio. E, fosse pelo aparente poder dos termos, fosse pelo fedor extremo capaz de por qualquer sujeito à beira das linhas de um raciocínio padrão, ninguém se contrapunha às opiniões e ordens de seu mestre rei dos bois. Tanto foi que, quando Obarnolos, em posse de uma tirania auto afirmada, proclamou para o público que haveria de cortar algumas cabeças por uma questão de logística, não faltaram aqueles que se voluntariaram.

Era soberano, o maior em barbaridades disfarçadas de benfeitorias. Já havia ensinado homens e bois a brandir gritos e mugidos e usar chifres e cabeças contra aqueles que vinham se opor ao som e ao cheiro da seita enraivecida. Perderam-se de si, diziam uns, enquanto outros afirmavam friamente que na verdade tinham se encontrado. Uma natureza tão facínora nunca tinha se mostrado com caras e dentes tão prontos para a guerra, mas ao mesmo tempo que pareciam máquinas de destruição, pelo menos em sua aparelhagem interna, mostravam todos os indícios de uma pane permanente, sem possibilidade de reabilitação. Talvez não fossem inofensivos de tudo, mas eram toscos em sua grande maioria. De toda forma, Obarnolos tinha construído um exército capaz de promover absolutamente qualquer coisa que ele dissesse, ou pelo menos era o que pensava.

Em certo momento do ano, quando se preparava para pôr o pés fora de casa e dar início a mais um dia de pregação ao gado, Obarnolos sentiu de novo, depois de muito tempo, a sensação de aperto nos dentes e as movimentações no estômago que outrora conduziram-no à casa de Dona Nena. Sentou-se a primeira cadeira, já abatido pelo desespero, e constatou desolado: “vou soluçar”. Teve pavor em reviver os segundos daquela tarde na casa da velha, teve pavor de imaginar aquela multidão posta lá fora vendo-o derrotado, abatido por algo tão simples, mas que, ao mesmo tempo, escancarava aquilo que tentava enterrar debaixo de tanta brutalidade: sua covardia sem precedentes. Sua verdadeira natureza.

Com muito mal gosto, muito enjoo e uma sensação incômoda de derrota, endireitou a postura, buscou a voz mais firme que conseguiu e postou-se do lado de fora da casa, já sob a mira de todos aqueles olhos que o aguardavam diariamente. Buscou ser rápido, dizendo que naquela manhã as coisas seriam diferentes e eles, o gado, teriam de agir por suas próprias cabeças. “Um teste”, disse já se despedindo. No entanto, uma gritaria sem sentido invadiu seus ouvidos e fez com que ele se virasse novamente. Ninguém havia se mexido, permaneciam todos parados, vibrantes, aguardando uma próxima fala.

“Rumem para longe daqui”, brandou Obarnolos, já começando a mostrar sinais de fúria em seu rosto, que passou de branco a vermelho num instante. Novamente, gritos e mais gritos, mas nenhum sinal de movimentação. Foi quando o primeiro soluço tentou escapar-lhe pela boca. O homem tremeu, buscou engolir o ar que batia nos dentes e rugiu como uma fera para que todos se afastassem imediatamente,

ou teriam suas cabeças e pernas cortadas. A multidão permanecia aos gritos, mas agora movimentavam-se lentamente na direção dos degraus que separam a casa do quadrante da rua.

Obarnolos se descontrolou, e já sem se importar que os soluços lhe escapassem, começou a gritar e se debater enquanto homens e bois vinham ao seu encontro. “Façam o que mando, saiam daqui”. “Quero que queimem a casa de Dona Nena, pisoteiam a velha se preciso, mas saiam já daqui”. Nada. Eles só se aproximavam e logo estavam com Obarnolos nos braços, sacudindo-o para cima e para baixo.

Com o corpo já em espasmos pelo soluço, Obarnolos começou a se enjoar com o balanço e com o cheiro de bosta que lhe invadia brutalmente as narinas, transformando-se em um gosto que podia sentir no fundo da língua.

“No chão, me ponham no chão”

“Estou comendo a bosta de vocês!”

“Me soltem!”

A força de suas palavras foi se perdendo aos poucos, assim como a importância que aquela aglomeração dava ao seu corpo. Em pouco tempo, ele já não estava nos braços de ninguém, todos permaneciam gritando asneiras e coisas sem sentido, mas já não precisavam de um homem que lhes ensinasse isso. E assim ficaram pelo resto dos dias,

completamente alheios às coisas ao redor, preocupados somente com seus próprios gritos e alucinações vazias.

Já Obarnolos teve seu corpo retirado do meio da muvuca e levado para o posto médico onde foi constatada a morte por causas naturais e não por pisoteamento, como se pensava a princípio. Dona Nena, que estava velha, mas muito viva, acompanhou de perto o processo de autópsia do corpo de Obarnolos e não se espantou nem um pouco quando, ao abrirem a carcaça de cabo a rabo, os médicos encontraram quilos e mais quilos de bosta, que tinham subido pelos tubos digestivos e chegado até a boca, provocando um engasgo fulminante.

Vendo aquela cena e o espanto de alguns diante daquele corpo, Dona Nena riu satisfeita e deu as costas para a equipe.